



SÍNODO
LISBOA 2016

#3

abril
a junho
2015

GUIÃO DE LEITURA

O anúncio
do Evangelho



PATRIARCADO DE LISBOA

3 GUIÃO DE LEITURA

abril a junho 2015

O anúncio do Evangelho

Neste terceiro trimestre da caminhada sinodal está disponível, para download, uma **proposta dirigida aos grupos de jovens**. Mais informações em: <http://sinodo2016.patriarcado-lisboa.pt> e <http://juventude.patriarcado-lisboa.pt>



Oração

Invoco o Espírito Santo para que me inspire e me conduza, em liberdade e sem preconceitos, na leitura, na reflexão, na partilha e na concretização da Exortação Apostólica do Papa Francisco «A Alegria do Evangelho».

V/. Vinde, Espírito Santo,
enchei os corações dos vossos fiéis.

R/. E acendei neles o fogo do vosso amor.

V/. Enviai, Senhor, o vosso Espírito,
e tudo será criado.

R/. E renovareis a face da terra.

Senhor, nosso Deus,
que instruíis os corações dos vossos fiéis
com as luzes do Espírito Santo,
fazei que apreciemos rectamente todas as coisas,
segundo o mesmo Espírito,
e que gozemos sempre da sua consolação.
Por Cristo, Senhor nosso. Ámen.

Leitura e reflexão pessoal

Leio integralmente o Capítulo III [n.110-175] da Exortação Apostólica «A Alegria do Evangelho». Nessa leitura pessoal **sublinho o que mais me interpela ou chama a atenção** e anoto os apelos, as observações e as “luzes” que o texto do Papa Francisco me suscita – para mim, para o grupo cristão de que faço parte, para a Igreja diocesana de Lisboa e para a Igreja universal.

Diálogo em comunidade

Reúno-me em grupo de diálogo (família, movimento eclesial, grupo paroquial a que pertenço, comunidade religiosa, escola, associação, instituição cívica/social/profissional a que pertenço, grupo a constituir especificamente para este fim...) e partilho os sublinhados e as anotações que fiz na minha leitura pessoal. Escuto os outros com atenção. Reflecto e levanto novas questões. Apresento propostas para o Sínodo debater, aprofundar e aclarar.

Para este diálogo em comunidade, terei em conta todo o Capítulo III da Exortação Apostólica e concorrerei para um debate amplo e aberto. Contudo, para melhor balizar o diálogo, posso servir-me da síntese e questões apresentadas de seguida. **Não é obrigatório responder à totalidade das questões** mas a diversidade das mesmas facilitará uma discussão mais ampla.



«A Alegria do Evangelho»

Capítulo III: «O anúncio do Evangelho»

«Não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor» [cf. n.110].

O anúncio explícito de Jesus pode vir no início, no meio ou no fim de um caminho que fazemos com o outro. Mas tem sempre de acontecer. E de estar presente no nosso coração como o grande tesouro a partilhar.

1. De que forma o anúncio explícito de Jesus está presente nas tuas relações diárias?

2. Que sugestões concretas tens para que esse anúncio explícito esteja mais presente na nossa Comunidade, sobretudo na relação que estabelecemos com os não crentes e com os batizados não inseridos em vida comunitária?

I. Todo o povo de Deus anuncia o Evangelho

«O sujeito da evangelização é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus» [cf. n.111].

A consideração da Igreja como povo peregrino, sujeito da evangelização, obriga a uma consciência histórica, situada, progressiva, quer da vivência, quer da compreensão do próprio Evangelho.

1. Que lugar há no nosso coração para acolher a natural diversidade de expressões e vivências cristãs?

2. Que lugar há no nosso coração para aceitar as implicações da nossa condição peregrina (pessoal e comunitária) na compreensão e vivência do Evangelho?

3. Que vivências, mais ou menos proximamente referenciadas ao Evangelho, nos interpelam mais?

4. Quais é que a nossa Comunidade pode/deve tentar assimilar?

Um povo para todos

«A salvação, que Deus realiza e a Igreja jubilosamente anuncia, é para todos, e Deus criou um caminho para se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados. Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo



isolado, nem por suas próprias forças. [...] Eu gostaria de dizer àqueles que se sentem longe de Deus e da Igreja, aos que têm medo ou aos indiferentes: o Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor!» [cf. n.113].

«A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho» [cf. n.114].

1. Que fazer para fortalecer em todos o sentido de pertença à Comunidade?

2. Que fazer para nos aproximarmos mais dos cristãos que vivem sem referência a nenhuma Comunidade concreta?

Um povo com muitos rostos

«A noção de cultura é um instrumento precioso para compreender as diversas expressões da vida cristã que existem no povo de Deus. [...] O ser humano está sempre culturalmente situado» [cf. n.115].

«Cada cultura oferece formas e valores positivos que podem enriquecer o modo como o Evangelho é pregado, compreendido e vivido» [cf. n.116].

«Uma única cultura não esgota o mistério da redenção de Cristo» [cf. n.118].

Num mundo globalizado, as diferentes culturas já não se definem tanto pela territorialidade mas mais por dimensões étnicas, etárias, sociológicas...

1. Quais as culturas que temos mais dificuldade em compreender e aceitar e, conseqüentemente, com as quais nos é mais difícil dialogar?

2. Que sugestões concretas propões para tocar mais de perto o mundo adolescente e juvenil, o mundo das artes, as periferias étnicas e sociológicas?

Todos somos discípulos missionários

«Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, actua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar» [cf. n.119].

«Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas recetor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair



a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários» [cf. n.120].

Devemos procurar simultaneamente uma melhor formação, um aprofundamento do nosso amor e um testemunho mais claro do Evangelho. [...] O teu coração sabe que a vida não é a mesma coisa sem Ele; pois bem, aquilo que descobriste, o que te ajuda a viver e te dá esperança, isso é o que deves comunicar aos outros. A nossa imperfeição não deve ser desculpa; pelo contrário, a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer» [cf. n.121].

1. O que nos faz mais falta para crescermos como discípulos missionários?

2. O que devemos fazer para nos ajudarmos mutuamente nesse aspecto?

A força evangelizadora da piedade popular

«Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus, segundo a sua índole própria, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si. [...] Aqui ganha importância a piedade popular» [cf. n.122].

1. Que expressões de piedade popular devemos valorizar mais entre nós?

2. Quais as que mais traduzem a sede de Deus e predispõem mais a uma entrega generosa ao Senhor?

De pessoa a pessoa

«Ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho» [cf. n.127].

1. Já experimentaste falar de Jesus aos outros, de pessoa a pessoa?

2. Quais as estratégias que te parecem mais adequadas?

Carismas ao serviço da comunhão evangelizadora

«Um sinal claro da autenticidade de um carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmoniosamente na vida do povo santo de Deus para o bem de todos. [...] É na comunhão, mesmo que seja custosa, que um carisma se revela autêntica e misteriosamente fecundo» [cf. n.130].

«Só Ele [o Espírito Santo] pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Ao invés, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos nos nossos



particularismos, nos nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e, por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade» [cf. n.131].

1. Quais os aspectos mais positivos da experiência que tens da relação entre serviços paroquiais, grupos de raiz paroquial, movimentos de espiritualidade...?

2. E os mais negativos?

Cultura, pensamento e educação

«O anúncio às culturas implica também um anúncio às culturas profissionais, científicas e académicas» [cf. n.132].

«Não basta a preocupação do evangelizador por chegar a cada pessoa, mas o Evangelho também se anuncia às culturas no seu conjunto» [cf. n.133].

1. Quais são as realidades e os sectores da vida da nossa sociedade em que te parece mais urgente a evangelização das nossas culturas?

2. Que boas práticas já existem entre nós neste capítulo?

II. A homilia

«A homilia pode ser, realmente, uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento» [cf. n.135].

«Renovemos a nossa confiança na pregação, que se funda na convicção de que é Deus que deseja alcançar os outros através do pregador e de que Ele mostra o seu poder através da palavra humana!» [cf. n.136].

1. Que características valorizas mais na homilia?

2. O que é que numa homilia dificulta mais o teu encontro com Deus?

A conversa da mãe

«A Igreja é mãe e prega ao povo como uma mãe fala ao seu filho, sabendo que o filho tem confiança de que tudo o que se lhe ensina é para seu bem, porque se sente amado» [cf. n.139].

«Mesmo que, às vezes, a homilia seja um pouco fastidiosa, se houver este espírito materno-ecclesial, será sempre fecunda, tal como os conselhos maternos, com o passar do tempo, dão fruto no coração dos filhos» [cf. n.140].

«O pregador tem a belíssima e difícil missão de unir os corações que se amam: o do Senhor e os do seu povo. [...] Durante o tempo da homilia, os corações dos crentes fazem silêncio e deixam-no falar a Ele. O Senhor e o seu povo falam-se de mil e uma maneiras diretamente, sem intermediários, mas, na homilia, querem que alguém sirva de instrumento e



exprima os sentimentos, de modo que, depois, cada um possa escolher como continuar a sua conversa» [cf. n.143].

«A identidade cristã, que é aquele abraço batismal que o Pai nos deu em pequeninos, faz-nos ansiar, como filhos pródigos – e prediletos em Maria –, pelo outro abraço, o do Pai misericordioso que nos espera na glória. Fazer com que o nosso povo se sinta, de certo modo, no meio destes dois abraços, é a tarefa difícil, mas bela, de quem prega o Evangelho» [cf. n.144].

1. Com que disposições escutas habitualmente a homilia?

2. A homilia também é Palavra de Deus para ti?

3. A Liturgia da Palavra (e a homilia em concreto) é uma conversa com Deus que continua depois na tua vida?

III. A preparação da pregação

O culto da verdade

«É a humildade do coração que reconhece que a Palavra sempre nos transcende, que somos, «não os árbitros nem os proprietários, mas os depositários, os arautos e os servidores». Esta atitude de humilde e deslumbrada veneração da Palavra exprime-se detendo-se a estudá-la com o máximo cuidado e com um santo temor de a manipular. Para se poder interpretar um texto bíblico, faz falta paciência, pôr de parte toda a ansiedade e atribuir-lhe tempo, interesse e dedicação gratuita. Há que

pôr de lado qualquer preocupação que nos inquiete, para entrar noutra âmbito de serena atenção. Não vale a pena dedicar-se a ler um texto bíblico, se aquilo que se quer obter são resultados rápidos, fáceis ou imediatos. [...] Uma pessoa só dedica um tempo gratuito e sem pressa às coisas ou às pessoas que ama; e aqui trata-se de amar a Deus, que quis falar. A partir deste amor, uma pessoa pode deter-se todo o tempo que for necessário, com a atitude dum discípulo: «Fala, Senhor; o teu servo escuta» (1Sm 3,9)» [cf. n.146].

1. Quanto tempo dedicas semanalmente ao contacto (leitura, estudo, meditação...) com a Palavra de Deus?

2. Fazes isso sozinho ou em grupo?

3. O que é que, na tua Comunidade, já se faz nesse sentido?

4. Que iniciativas é importante tomar para ajudar todos a familiarizarem-se mais com a Palavra de Deus?

A leitura espiritual

«Há uma modalidade concreta para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito: designamo-la por «*lectio divina*». Consiste na leitura da Palavra de Deus num tempo de oração, para lhe permitir que nos ilumine e renove» [cf. n.152].



«Na presença de Deus, numa leitura tranquila do texto, é bom perguntar-se, por exemplo: «Senhor, a mim que me diz este texto? Com esta mensagem, que quereis mudar na minha vida? Que é que me incomoda neste texto? Porque é que isto não me interessa?»; ou então: «De que gosto? Em que me estimula esta Palavra? Que me atrai? E porque me atrai?»» [cf. n.153].

1. A Palavra de Deus ocupa um lugar central na tua oração?

2. Que podemos fazer para nos ajudarmos mutuamente nesse sentido?

IV. Uma evangelização para o aprofundamento do querigma

«[...] O primeiro anúncio deve desencadear também um caminho de formação e de amadurecimento. [...] Cada ser humano precisa sempre mais de Cristo, e a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco, mas possa dizer com plena verdade: «Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim» (Gl 2,20)» [cf. n.160].

«Não seria correcto que este apelo ao crescimento fosse interpretado, exclusiva ou prioritariamente como formação doutrinal. Trata-se de «cumprir» aquilo que o Senhor nos indicou como resposta ao seu amor, sobressaindo, junto com todas as virtudes, aquele mandamento novo que é o primeiro, o maior, o que melhor nos identifica como discípulos: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15,12)» [cf. n.161].

«É deixar-se transformar em Cristo, vivendo progressivamente «de acordo com o Espírito» (Rm 8,5)» [cf. n.162].

Olhemos para a Catequese das crianças, dos jovens, dos adultos que se reaproximam da Igreja ou lhe batem à porta pela primeira vez...

1. Que propostas de formação e amadurecimento na fé é que a nossa Comunidade oferece?

2. É exclusiva ou prioritariamente doutrinal?

3. Que outras propostas fazer?

Uma catequese querigmática e mistagógica

«Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar»: ao designar-se este anúncio como «primeiro», não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos» [cf. n.164].

«Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é deixado de lado em favor de uma formação supostamente mais «sólida». Não há nada de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. [...] A centralidade do querigma requer certas



características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isso exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena» [cf. n.165]. «Anunciar Cristo significa mostrar que crer nele e segui-lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de preencher a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações. [...] É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais, incluindo aquelas modalidades não convencionais de beleza que podem ser pouco significativas para os evangelizadores, mas que se tornaram particularmente atraentes para os outros» [cf. n.167]. «Mais do que peritos em diagnósticos apocalípticos ou juizes sombrios que se comprazem em detetar qualquer perigo ou desvio, é bom que nos possam ver como mensageiros alegres de propostas elevadas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho» [cf. n.168].

1. A nossa liturgia é bela?

2. Fala a linguagem da beleza própria dos nossos contemporâneos e que os atrai?

O acompanhamento pessoal dos processos de crescimento

«Numa civilização paradoxalmente ferida pelo anonimato e, simultaneamente, obcecada com os detalhes da vida alheia, descaradamente doente de mórbida curiosidade, a Igreja tem necessidade de um olhar solidário para contemplar, comover-se e parar diante do outro, tantas vezes quantas forem necessárias» [cf. n.169].

«Alguns creem-se livres quando caminham à margem de Deus, sem se dar conta que ficam existencialmente órfãos, desamparados, sem um lar para onde sempre possam voltar. Deixam de ser peregrinos para se transformarem em errantes, que giram indefinidamente ao redor de si mesmos, sem chegar a lado nenhum» [cf. n.170].

«Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. [...] Faz falta uma pedagogia que introduza a pessoa, passo a passo, até chegar à plena apropriação do mistério» [cf. n.171].

«Quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça é um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior. [...] Um válido acompanhante não transige com os fatalismos nem com a pusilanimidade. Convida sempre a querer curar-se, a pegar no catre (cf. Mt 9,6), a abraçar a cruz, a deixar tudo e partir sem cessar para anunciar o Evangelho» [cf. n.172]. «Os discípulos missionários acompanham discípulos missionários» [cf. n.173].



1. O acompanhamento pessoal, a experiência de acompanhar e ser acompanhado, faz parte da tua vivência cristã?

2. O que é que de mais importante deveríamos fomentar neste capítulo?

Ao redor da Palavra de Deus

«Toda a evangelização está fundada sobre a Palavra de Deus escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é fonte da evangelização. Por isso, é preciso formar-se continuamente na escuta da Palavra. A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar. É indispensável que a Palavra de Deus «se torne cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial». A Palavra de Deus ouvida e celebrada, sobretudo na Eucaristia, alimenta e reforça interiormente os cristãos e torna-os capazes de um autêntico testemunho evangélico na vida diária» [cf. n.174].

«A evangelização requer a familiaridade com a Palavra de Deus [...]. Nós não procuramos Deus Tateando, nem precisamos de esperar que Ele nos dirija a palavra, porque realmente Deus falou, já não é o grande desconhecido, mas mostrou-se a si mesmo» [cf. n.175].

1. Que fazer para que a Palavra de Deus esteja cada vez mais no centro da nossa vida, individual e comunitária?

Alguma outra questão sobre este Capítulo III que se me tenha colocado e/ou tenhamos dialogado em grupo/comunidade?

Síntese

O grupo de diálogo faz a síntese das respostas dadas às questões anteriores, enriquecendo-a com outros contributos relevantes que tenham surgido no debate e na partilha, e responde ao **questionário online**, até ao dia 30 de junho de 2015, no endereço:

<http://sinodo2016.patriarcado-lisboa.pt>

Em alternativa, e até à mesma data, poderá enviar a síntese para o endereço de e-mail:

sinodo2016@patriarcado-lisboa.pt

Concretização / Compromisso / Acção

Depois de ter dado este primeiro “primeiro passo” – na oração, na leitura e no diálogo – rumo ao Sínodo diocesano, comprometo-me com um gesto concreto:

Conhecer melhor a Palavra de Deus (na escuta mais atenta, na leitura e no estudo) e divulgá-la à minha volta (“a propósito e fora de propósito!”, como diz São Paulo).

Celebração

No ritmo e no dinamismo dos tempos litúrgicos próprios deste terceiro trimestre preparatório [Páscoa/Tempo Comum], a comunidade encontrará formas de **assinalar celebrativamente a caminhada sinodal**, fazendo das celebrações litúrgicas, especialmente da Eucaristia, «fonte e cume» – isto é, ponto de partida e ponto de chegada – rumo ao Sínodo diocesano.



SÍNODO
LISBOA 2016

As etapas

GUIÃO #1 / SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2014

“A transformação missionária da Igreja”

GUIÃO #2 / JANEIRO A MARÇO DE 2015

“Na crise do compromisso comunitário”

GUIÃO #3 / ABRIL A JUNHO DE 2015

“O anúncio do Evangelho”

GUIÃO #4 / SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2015

“A dimensão social da evangelização”

GUIÃO #5 / JANEIRO A MARÇO DE 2016

“Evangelizadores com Espírito”

ORAÇÃO OFICIAL

Maria, Mãe da Igreja,
ajudai-nos a dizer o nosso «sim».
Dai-nos a audácia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga.

Virgem da escuta e da contemplação,
intercedei pela nossa Igreja de Lisboa,
em caminho sinodal,
para que nunca se feche nem se detenha
na sua paixão por instaurar o Reino.

Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a resplandecer
com o testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.

Mãe do Evangelho vivo,
manancial de alegria para os pequeninos,
rogai por nós.
Ámen.